

Poesia como documento: os sobrados da Rua Tiradentes em Itabira (MG) e o Museu de Território Caminhos Drummondianos

Poetry as document: the Old houses on Tiradentes Street in Itabira (MG) and Drummond's Paths Territorial Museum

Luciana Santos Ferreira¹
Leandro Benedini Brusadin²

DOI 10.26512/museologia.v10i19.35185

Resumo

Os museus assumem a sua perspectiva social quando integrados na premissa do território enquanto fenômeno vinculado às memórias de uma comunidade. Este artigo analisa a relação entre os poemas de Carlos Drummond de Andrade e três sobrados em Itabira (MG) em uma perspectiva interdisciplinar. A hipótese é que os poemas são documentos cuja representação em placas situa a relevância histórica dos sobrados em prol da memória coletiva, além de apresentar um contexto das edificações enquanto monumentos-documentos. A metodologia deste trabalho se deu por meio de levantamento bibliográfico, análise de poemas, além de observação *in loco* e registro fotográfico. A conclusão é que os pontos do Museu de Território Caminhos Drummondianos podem contribuir para reafirmar a construção da memória coletiva em torno de Drummond, pois estes símbolos integram o imaginário social dos itabiranos e turistas por estarem situados de forma integrada ao território.

Palavras-chave

Museu de Território Caminhos Drummondianos. Memória coletiva. Monumento-documento. Passado. Poesia.

Abstract

Museums assume their social perspective when integrated into a territory premise as a phenomenon linked to memories of a community. This article analyzes the relationship between Carlos Drummond de Andrade's poems and three old houses in Itabira (MG) in an interdisciplinary perspective. The hypothesis is that these poems are documents and their representation on plaques situates the historical relevance of the houses giving support to collective memory in addition to presenting a context of those buildings as document-monuments. The methodology of this article was made by bibliographic research, analysis of poems besides observation *in loco* and photographic register. It is concluded that the spots of Drummond's Paths Territorial Museum can contribute to reaffirm the construction of collective memory around Drummond, as these symbols integrate the social imaginary of locals and tourists since they are placed in an integrated way to the territory.

Keywords

Drummond's Paths Territorial Museum. Collective memory. Monument-document. Past. Poetry.

¹ Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: arqlsferreira.bh@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Franca). Professor do Departamento de Turismo e do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: leandro@ufop.edu.br

Nota introdutória - o território musealizado

A concepção do “museu como fenômeno” é uma percepção da Museologia que nos auxilia a compreender o Museu de Território Caminhos Drummondianos, o qual este artigo se propõe a examinar. De acordo com Teresa Scheiner (2012), o museu é percebido como um fenômeno, identificável por meio de uma relação muito especial entre o humano, o espaço, o tempo e a memória, relação esta denominada musealidade. A musealidade, segundo a mesma autora, é um valor atribuído a certas “dobras” do real, a partir da percepção dos diferentes grupos humanos sobre a relação que estabelecem com o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas.

A Museologia pode ser entendida, atualmente, como um campo do conhecimento dedicado ao estudo e análise do museu enquanto representação da sociedade humana, no tempo e no espaço, pois abarca o estudo das múltiplas relações existentes no território. Scheiner (2012:19) defende um vínculo profundo entre a Museologia e o Museu Integral, sendo que este se fundamentaria na musealização de todo um conjunto patrimonial de um território, composto por meio ambiente, formas humanas de ocupação no passado e no presente e seus produtos culturais, bem como no trabalho comunitário, ou seja, “qualquer representação do fenômeno museu de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória, e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais”.

Segundo a percepção de Chagas em Lacerda *et al.* (2018), quando tratamos do tema museu logo imaginamos um local com objetos antigos que podem ser apreciados. O Museu de Território Caminhos Drummondianos, ao invés de ser um espaço depositário de utensílios (ou porventura, “inutensílios”, como tratado por Chagas, 2002:10), é um museu onde o que deve ser visto é localizado nos logradouros públicos, acessível a quem quiser ter uma experiência poética. A partir desse entendimento, podemos situar que o vínculo da obra de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) com sua cidade natal foi o que delineou a criação deste museu de território. Para Reis (2012: 27), os museus são capazes de conectar o literário e a comunidade “[...] quer a partir de uma obra, de um aspecto da vida literária ou por meio da contextualização do fenômeno literário”.

Neste artigo, partimos do pressuposto que a premissa fenomenológica e integral do espaço museal ocorre no Museu de Território Caminhos Drummondianos em Minas Gerais. Este museu é composto por 44 placas de ferro³ com poesias de Carlos Drummond de Andrade distribuídas em diversos espaços públicos de Itabira, cidade natal do poeta. Idealizado por Maria Lúcia Gazire de Pinho Tavares, o museu, cujo território poetizado é o principal atrativo, apresen-

3 As placas produzidas em ferro fundido apresentam os poemas em baixo relevo, considerando o layout reformulado em 2009 pelo artista plástico Léo Santana. Possuem a dimensão 70 cm x 180 cm e pesam aproximadamente 240 quilos cada. Os poemas são: 1 - A Ilusão do Migrante; 2 - O maior trem do mundo; 3 - Banho; 4 - Lanterna Mágica; 5 - Documentário; 6 - Imagem, Terra, Memória; 7 - Coqueiro de Batistinha; 8 - Herói; 9 - A Antônio Camilo de Oliveira; 10 - Procissão do Encontro; 11 - Terrores; 12 - Cultura Francesa; 13 - Sobrado do Barão de Alfié; 14 - José; 15 - Paredão; 16 - O inglês da Mina; 17 - A Alfredo Duval; 18 - Primeiro automóvel; 19 - Criação; 20 - Passeiam as Belas; 21 - Cemitério do Cruzeiro; 22 - Os Pobres; 23 - Sino; 24 - Fruta furto; 25 - O Criador; 26 - Casa; 27 - Câmara Municipal; 28 - O Dia Surge da Água; 29 - Canção de Itabira; 30 - Dodona Guerra; 31 - Tantas Fábricas; 32 - Os Gloriosos; 33 - Cemitério do Rosário; 34 - Pintura de Forro; 35 - Música Protegida; 36 - Guerra das Ruas; 37 - Memória Prévia; 38 - Repetição; 39 - Uma casa; 40 - O resto; 41 - Ausência; 42 - Confidência do Itabirano; 43 - Edifício Esplendor e 44 - Infância. (LACERDA *et al.* 2018, CAMINHOS, [s.d.]).

ta alguns dos poemas que Drummond escreveu sobre a cidade. Ressalta-se que neste museu não há uma entrada e nem bilheteria; ele se coloca acessível aos moradores da cidade e aos visitantes de uma forma que possibilita sua fruição para o acolhimento de um público diverso.

Em um sentido metodológico para a realização desta pesquisa foram selecionadas três poesias que se relacionam às pessoas, situações ou objetos. A leitura dos poemas e a associação direta ao cenário contribui para o despertar de emoções relacionadas ao tema, para que seja possível viver ou reviver o conteúdo das obras do poeta. “Percepção e emoção estão presentes no ato de ler e de visitar um museu [...]” (REIS, 2012: 37) fazendo-se necessário compreender as possibilidades museológicas em harmonia com a literatura para interpretar o próprio comportamento humano.

Mário de Souza Chagas, em depoimento sobre o Museu de Território Caminhos Drummondianos que consta no livro *Caminhos Drummondianos* (LACERDA et al. 2018:14), diz que este museu se fundamenta na relação entre a população, patrimônio e território, além de promover um diálogo entre a poesia e o objeto. As considerações do autor sobre o museu em questão dizem respeito ao seu próprio pensar museológico: “Os museus e as coleções transitam entre o abstrato e o concreto, entre o material e o espiritual, entre o virtual e o não virtual [...]” (CHAGAS, 2002: 9).

As placas do Museu de Território Caminhos Drummondianos remetem a sujeitos e circunstâncias da época em que Drummond escreveu tais poemas, mas que hoje existem apenas em nosso imaginário. Temos que as placas e os próprios casarões conferem materialidade à literatura, assim como dados objetos relacionam-se aos poemas. Referem-se, também, àquilo que já teve sua materialidade, mas que foi demolido, como no caso do Hotel dos Viajantes, descrito no poema “Documentário”. O museu, portanto, tem possibilidades múltiplas de existir, tal qual discutido por Mário Chagas (2002), mas interessa refleti-lo como um local onde ocorrem as trocas sociais, tendo como contexto a memória, o esquecimento, a preservação e a própria destruição. O que deve ser considerado, segundo este mesmo autor, é que o tangível só tem sentido através do intangível.

Este artigo inicia tratando dos conceitos de passado e a importância da sua interpretação para a compreensão da memória coletiva enquanto processo de enraizamento dos grupos sociais. Estes conceitos se tornam relevantes para entender a proposta de três pontos (números 9, 10 e 13) do Museu de Território Caminhos Drummondianos criado no ano de 1998 na cidade de Itabira, Minas Gerais.

A primeira parte do texto traz uma abordagem teórica sobre os conceitos de passado e memória coletiva, destacando principalmente os autores Lowenthal (2006) e Halbwachs (1990). Esta seção se desenvolve apresentando a definição de documento segundo Le Goff (2003) e a percepção de que este conceito pode envolver outros significados e não apenas o documento escrito. A seção seguinte apresenta a cidade de Itabira e os sobrados ainda existentes no cenário local, legados arquitetônicos da época da exploração do ouro. São evidenciados três sobrados da Rua Tiradentes que compõem o Museu de Território Caminhos Drummondianos. Esta parte ainda apresenta os poemas de Drummond relacionados aos casarões e a interpretação dos mesmos, segundo Lacerda, Shitsuka e Shitsuka (2018). As placas que compõem o referido museu se referem a um passado tangível (representado pelos sobrados) ou intangível (em se tratando das atividades que ocorriam no local).

Poesia como documento:

os sobrados da Rua Tiradentes em Itabira (MG) e o Museu de Território Caminhos Drummondianos

Dessa maneira, o artigo revela a tentativa de se identificar o passado de Drummond para compor a memória coletiva dos moradores e visitantes de Itabira por meio da musealização. O trabalho entrelaça tais concepções teóricas e objetiva demonstrar como o estudo de caso condensa em si as possibilidades de diferentes interpretações dos poemas a partir do imaginário do observador. As placas do Museu de Território Caminhos Drummondianos, em especial as três placas escolhidas para a análise neste artigo, exemplificam de uma maneira ímpar como a memória local pode se projetar para a global (e vice-versa), considerando que a memória individual se repercute na memória dos grupos (e vice-versa). Ao final, pressupõe-se que o passado de Drummond foi apropriado para a criação de uma identidade local para a cidade de Itabira por meio da materialidade das edificações em meio a imaterialidade dos seus poemas situados de forma integrada ao território musealizado.

A identificação do passado e a [trans]formação da memória coletiva

Este artigo trata de três monumentos musealizados no Museu de Território Caminhos Drummondianos em Itabira, Minas Gerais. O foco deste trabalho é a Rua Tiradentes, onde tem destaque três sobrados que inspiraram o poeta Carlos Drummond de Andrade a escrever sobre suas características arquitetônicas ou percepções sobre o entorno dos casarões.

De acordo com Lowenthal (2006), o propósito das nossas vidas tem a ver com a habilidade de nos recordarmos e nos identificarmos com o próprio passado. Esta necessidade, segundo o autor, é tão importante que lembrar o passado se torna fator essencial para o senso de identidade dos indivíduos. Segundo Le Goff (2003), a falta do reconhecimento do passado de determinado povo pode prejudicar a identidade coletiva.

Lowenthal (2006) ressalta que a preservação é um dos modos que faz com que o presente seja legitimado pelo passado. O passado, por sua vez, é considerado um tempo fluido e a sua identificação é um dos modos de se alterá-lo para suprir as necessidades presentes. As identificações podem realçar o passado mas não se descarta, porém, o fato de que a veracidade destes indicadores escritos pode ser questionada.

Existem, portanto, inúmeros casos em que o passado foi nomeado ou identificado para que seu significado não se perdesse no tempo, para que seu legado – considerado digno pelas forças dominantes vigentes na época – perdurasse por muitos anos. Ainda de acordo com Lowenthal (2006), se não fosse a identificação, feita na maior parte das vezes por placas, as pessoas passariam por determinados locais e não teriam a consciência da sua importância histórica. Placas podem marcar um passado visível, como, por exemplo, a placa que marcou a restauração de uma mina de minério em Connecticut, EUA, ou invisível, como no exemplo citado pelo autor de uma placa que sinaliza onde ocorreu uma batalha em Maine, EUA.

Passado e memória são conceitos que se relacionam nesta conjuntura, embora o primeiro seja o objeto de estudo privilegiado dos historiadores e o segundo o que as pessoas lembram ou são postas a lembrar (e a esquecer). O próprio conceito do Museu de Território Caminhos Drummondianos evidencia esta relação. A memória, neste contexto de valorização de determinados aspectos vividos, “[...] liga o presente ao passado, mostra ao sujeito que ele existe, como se constituiu e lança as bases ou alicerces do vir a ser”. (GUERRA, MOTA, 2007: 19). Assim, a memória se refere ao passado e fornece bases para a

formação identitária dos sujeitos, além de poder contribuir para a formação da identidade no futuro.

A definição de memória pode ir além de uma conexão entre presente e passado. Considerando as definições, a memória se liga primeiramente ao indivíduo. O conceito de memória pode apresentar denominações diversas e vários autores se ocuparam da sua classificação, considerando suas áreas de formação. Fundamentado na medicina, Izquierdo (2002) apresenta três classificações de memória: uma se relaciona com a sua função imediata (memória de trabalho); a segunda com o tempo (memória de curta/ longa duração e memória remota) e a terceira com o seu conteúdo (memória declarativa e procedural). A memória de trabalho ou memória imediata é uma memória de curto prazo que se mantém ativa apenas para cumprir um papel específico, sem a necessidade de ser armazenada. A memória de curta duração se difere da memória de longa duração, pois esta última necessita maior tempo para se internalizar e a memória remota permanece por meses ou anos. Por fim, a memória declarativa ou explícita grava episódios, acontecimentos e conhecimentos. A memória declarativa pode ser episódica (lembrança de um evento ou um filme, por exemplo) ou semântica (relativa aos conhecimentos gerais) e a falta da memória declarativa tem a ver com a amnésia. A memória procedural ou implícita se associa aos procedimentos (como andar de bicicleta ou nadar).

Com relação às memórias classificadas quanto ao tempo, Izquierdo (2002) destaca que a memória declarativa ou explícita tem duração muito pequena (de minutos a horas), enquanto a memória procedural ou implícita dura por toda a vida do indivíduo. Izquierdo (2002) esclarece que as classificações sobre a memória têm uma função clínica e que não devem ser consideradas como um padrão estabelecido, já que se sabe que as definições de memória podem se misturar dependendo do momento vivido. O autor afirma que o cérebro humano contém inúmeras memórias e fragmentos de memória e é a partir desta estrutura que outras memórias são evocadas. (IZQUIERDO, 2002). Estas definições são relevantes, pois levam à reflexão sobre como são formadas as nossas próprias lembranças e a função de cada tipo de memória. Considerando o ser humano como um ser social, a memória de um sujeito pode, portanto, ser parte da memória de outras pessoas ou um grupo definido. A memória, segundo Halbwachs (1990), é considerada um aspecto individual, mas ela não se apresenta completamente de forma isolada. “Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros” (HALBWACHS, 1990: 54). Então, pode-se dizer que a memória coletiva se apoia em um grupo social que pode existir em um contexto com espaço e tempo determinados.

A memória coletiva pode ser sustentada por elementos tangíveis, como os documentos. O documento é o que permaneceu ao longo dos anos, fruto de uma seleção dos historiadores ou das forças que detinham poder naquele momento. Com o tempo, houve a necessidade da ampliação da definição de documento – “prova histórica”, a princípio, apresentada na forma de um texto – que passou a compreender imagens, sons ou outros elementos (LE GOFF, 2003).

A arquitetura como patrimônio cultural poderia, nesta lógica, ser um exemplo de documento frente à complexização desta definição, já que se apresenta como vestígio do tempo passado. O patrimônio cultural, segundo Jeudy (1990), contribui para enaltecer a memória coletiva. “Por trás das preocupações habituais da salvaguarda dos patrimônios, manifesta-se o desejo de valorizar memórias coletivas das sociedades” (JEUDY, 1990: 1). Assim, o desejo de

Poesia como documento:

os sobrados da Rua Tiradentes em Itabira (MG) e o Museu de Território Caminhos Drummondianos

preservação dos documentos vai muito além, pois preserva também o invisível, a memória coletiva.

Por fim, a memória coletiva pode contribuir para a formação da identidade de uma comunidade desde que estabelecida no imaginário social. “É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si [...]” (BACZKO, 1985: 309). Como consequência desta valorização do passado e sua relação com a arquitetura e com atividades desenvolvidas, surgem reflexões sobre a importância do turismo cultural na cidade. De acordo com Meneses (2004:15), “a questão da memória, da busca identitária e da apreensão do passado como patrimônio memorialístico apresenta-se como uma rica fronteira entre a História e o Turismo”.

De acordo com Brusadin (2015), o conceito de patrimônio é temporal e flexível porque vive em constante revisão, conforme a sociedade se reconstrói e aprofunda contextos sociais, históricos e econômicos que ela mesma deseja preservar. Além disso, este mesmo conceito depende das premissas e dos interesses de entidades representativas do patrimônio. A atribuição do que é valioso historicamente para determinada sociedade varia de acordo com o tempo e da valorização cultural de cada uma. O patrimônio é o fruto da sociedade que o produz, sendo que mesmo que ele não seja construído pela coletividade, é essa sociedade que o legitima e incorpora o seu teor simbólico. Pode-se concluir que a definição de patrimônio remete a um fator comum, o de patrimônio simbólico, representado pelo entrelaçamento entre a materialidade e a imaterialidade dos objetos que marcam determinado tempo e sua gente (BRUSADIN, 2015). Assim, em uma associação indireta entre a História, o Turismo e a Museologia, é possível visualizar o Museu de Território Caminhos Drummondianos como um patrimônio, criado em uma perspectiva de passado que vincularia o poeta Drummond à sua cidade natal e, conseqüentemente, à sua população e aos seus visitantes.

Poemas e sobrados como documentos

Trata-se neste ponto da história de Itabira, da descrição socioeconômica da cidade e do estudo de caso de três estações do Museu de Território Caminhos Drummondianos. Os sobrados escolhidos como foco deste estudo foram construídos na época da exploração do ouro. O povoado que deu origem à cidade de Itabira foi formado no ano de 1720, de acordo com o francês Saint-Hilaire. “Da civilização do ouro, Itabira guarda, ainda hoje, como parte de sua memória colonial, alguns sobrados, igrejas e outros monumentos de inestimável valor histórico” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1981: 125).

Itabira alcançou o status de cidade em 1848, segundo Souza (2007). Com a baixa da exploração do ouro, teve início a exploração do minério de ferro. Conforme Minayo (2004), a princípio, isto era feito de maneira rústica para atender à siderurgia local. A Companhia Vale do Rio Doce se instalou em Itabira em 1942 e, ao longo dos anos, passou por um processo de modernização das suas instalações consolidando-se como uma empresa atrativa para aqueles que buscavam emprego e estabilidade financeira. Naquela época, Itabira descobria uma nova vocação econômica com a exploração do minério de ferro, porém, hoje vive momentos de incertezas com relação ao desenvolvimento econômico da cidade. Segundo Silva (2004), frente à previsão de exaustão das minas, os representantes discutem em um diálogo com a sociedade alternativas para o desenvolvimento socioeconômico na cidade com a falta da mineradora.

O turismo cultural configura uma das alternativas econômicas para o período pós mineração e houve, dentre outras propostas, a valorização dos casarões remanescentes da época da exploração do ouro. A criação do Museu de Território Caminhos Drummondianos pode ter tido uma motivação além de promover a disseminação da cultura na cidade, visto que os representantes políticos locais procuravam novas alternativas econômicas para a possível saída da mineradora Vale do município: “Preocupado com o problema sócioeconômico de Itabira, o Governo Municipal, no ano de 1997, decidiu desenvolver o Turismo Cultural na Cidade de Itabira, simultaneamente homenagear o filho ilustre Carlos Drummond de Andrade e ampliar o conhecimento e divulgação do Patrimônio Cultural do Município” (LACERDA, SHITSUKA, SHITSUKA, 2018: 13).

Mesmo tendo as motivações econômicas, a criação do Museu de Território Caminhos Drummondianos mobilizou o turismo por meio de outras formas de valorização cultural para a cidade. Segundo Guerra (2010: 25), a arquitetura como patrimônio cultural configura “[...] um processo de adicionar valores à experiência de um lugar”. Acontece uma aproximação entre os moradores e seus próprios valores em um processo que motiva os habitantes a conhecer o patrimônio arquitetônico local e preservá-lo. Segundo Ferreira (1999), a Rua Tiradentes é uma rua singular no contexto urbano de Itabira, pois conserva exemplares de edificações da época da exploração aurífera. A Rua Tiradentes, como prolongamento das ruas Água Santa e Dr. Alexandre Drummond, fazia parte da antiga Rua Direita da cidade. Os exemplos destacados para este artigo revelam dois tipos de documentos: a poesia e a arquitetura. Os pontos 09, 10 e 13 apresentam poemas relacionados aos casarões da Rua Tiradentes (respectivamente, os sobrados de números 237, 03 e 113) que são parte do Museu de Território Caminhos Drummondianos, que possui um total de 44 placas com poemas associados aos pontos escolhidos.

Segundo informações que constam no álbum de figurinhas *Itabira + Turismo* (ITABIRA, 2019), caso queira, o turista pode fazer o percurso das 44 placas do Museu de Território Caminhos Drummondianos acompanhado por um condutor devidamente treinado. Este álbum de figurinhas, por sua vez, integra uma prática de educação patrimonial que visa motivar moradores e visitantes a conhecer os pontos turísticos da cidade. Segundo Alves e Figueiredo (2014: 24), atividades pedagógicas com o tema patrimônio cultural “[...] estimulam o conhecimento e a curiosidade sobre o patrimônio local, instigando o sentimento de pertencimento”.

O Museu de Território Caminhos Drummondianos é uma abordagem singular quando se trata do conceito de museu. Ele associa a obra de Drummond, através de placas confeccionadas em ferro, aos locais de inspiração da referida poesia. O sobrado número 237 pertenceu ao farmacêutico Tenente Antônio Camilo de Oliveira, cujo filho era o embaixador Antônio Camillo de Oliveira Lage. O sobrado número 03 pertenceu a Antônio José Rosa, antigo dono da firma Rosa e Cia Ltda. Hoje o casarão pertence aos herdeiros da família. O sobrado número 113, que hoje abriga o Hotel Itabira, foi propriedade de Cassemiro Carlos da Cunha Andrade, pai do Barão de Alfíe. (FERREIRA, 1999).

Sobre estes três sobrados da Rua Tiradentes, escolhidos como foco deste trabalho, Carlos Drummond de Andrade escreveu poemas que evocavam particularidades arquitetônicas ou situações vividas nestes imóveis e no entorno imediato. Sobre o primeiro casarão, Drummond escreveu o poema “A Antônio Camilo de Oliveira”. Este poema, segundo Lacerda, Shitsuka e Shitsuka (2018), fala de Antônio Camilo de Oliveira, filho mais novo de um renomado

Poesia como documento:

os sobrados da Rua Tiradentes em Itabira (MG) e o Museu de Território Caminhos Drummondianos

farmacêutico na cidade. Antônio Camilo de Oliveira formou-se em Direito e, posteriormente, tornou-se embaixador e foi trabalhar no exterior. Antônio passava as férias em Itabira e este acontecimento povoava o imaginário social da comunidade, pois a cidade se tornava cenário para o recebimento de um filho ilustre. O poema em questão relata:

Vai, carteiro, sobre as serras,
rumo da velha Itabira,
terra saudosa entre as terras,
e em certo sobrado mira

aquele em quem tanta viagem
pelas partidas do mundo
não ressecou a miragem
e o sentimento profundo

que acompanha o itabirano
e o faz lembrar com carinho,
na Pérsia ou no Vaticano,
Tico, João Rosa, Todinho...

Conta-lhe que outro exilado
inveja essa romaria
que ora faz pelo passado
na claridade do dia.

Augura-lhe ao lar perfeitos
momentos, no ano feliz,
e apresenta meus respeitos
à senhora Embaixatriz.

(ANDRADE, 2002: 338).

No poema, Drummond apresenta Antônio Camilo de Oliveira e o contexto das suas relações internacionais. O casarão onde ele morou (figura 1) é um sobrado que hoje abriga comércio na parte inferior e residência na superior. A placa do Museu de Território Caminhos Drummondianos se situa na lateral esquerda, informando ao observador que naquele sobrado morou um itabirano de importância para a cidade.

Figura 1 - Casarão onde morou Antônio Camilo de Oliveira. Rua Tiradentes. Ao lado direito da foto, casarão da família Rosa.



Foto: Luciana Santos Ferreira, 2019.

A placa 9 que compõe a sequência do Museu de Território Caminhos Drummondianos se situa na Rua Tiradentes, número 3 (figura 2). Esta placa apresenta o poema “Procissão do Encontro”, pois era neste local, em frente ao casarão da família Rosa, que as procissões se encontravam durante as cerimônias religiosas.

Segundo Lacerda, Shitsuka e Shitsuka (2018), a cidade se envolvia nas festas religiosas e as famílias recebiam parentes e amigos de outras localidades para prestigiar as procissões. A casa de João Rosa é datada de 1896; a loja da família funcionava na parte térrea e a residência era no andar superior: “A casa de João Rosa era um ponto tradicional de parada das procissões: uma que vinha da Igreja da Saúde e outra da Igreja do Rosário” (LACERDA, SHITSUKA, SHITSUKA, 2018: 51).

A procissão do encontro era um acontecimento de destaque no contexto das festividades religiosas da cidade. Da Igreja da Saúde, a procissão levando a imagem de Nossa Senhora das Dores; da Igreja do Rosário, a procissão com a imagem de Nosso Senhor dos Passos: “Quando as duas procissões chegavam em frente à porta da Loja de João Rosa, colocava-se o púlpito, todo enfeitado de cetins drapeados e brilhantes. O padre subia ao púlpito para fazer o sermão para todos que acompanhavam as procissões” (LACERDA, SHITSUKA, SHITSUKA, 2018: 51).

Figura 2 - Casarão da família Rosa, Rua Tiradentes número 03.



Foto: Luciana Santos Ferreira, 2019.

O poema “Procissão do Encontro” expõe outros detalhes desta cerimônia na percepção de Drummond:

Lá vai a procissão da igreja do Rosário.
Lá vem a procissão da igreja da Saúde.
O encontro é em frente à casa de João Rosa.
Encontro de Mãe e Filho
trágicos, imóveis nos andores.
Ao ar livre
o púlpito de púrpura drapeja
no entardecer na serra fria.
A voz censura ternamente o Homem
que se deixa imolar por muito amor
e do amor materno se desprende.
Não há nada a fazer para impedi-lo?
A terra abre mão de seu resgate
para salvar o Deus que quis salvá-la.
O ferro da cidade se comove,
não o peito do Cristo.
E o roxo manto, as lágrimas de sangue,
a cruz, as sete espadas
vão navegando sobre ombros
pela rua-teatro, lentamente

(ANDRADE, 2017: 28).

Drummond descreve no poema que as procissões se encontravam em frente ao casarão da família Rosa, que se destacava neste momento importante para a vida religiosa da cidade. A placa 13 trata do sobrado onde hoje funciona o Hotel Itabira. Este sobrado era um dos mais luxuosos da cidade e foi pro-

priedade do Barão de Alfié, Joaquim Carlos da Cunha. Drummond especifica os detalhes arquitetônicos em seu poema. A escada principal de acesso ao sobrado é comparada a um trono, pois é uma casa de importância que pertenceu a um barão. O poeta chama a atenção para uma estatueta no arremate superior da casa e destaca as sacadas, de onde as primas dele acompanhavam as procissões religiosas. Este casarão se tornou propriedade do Dr. Olintho Horácio de Paula Andrade no início do século XX. Por parte da família Andrade, suas filhas eram primas do poeta Drummond (LACERDA, SHITSUKA, SHITSUKA, 2018). No poema “Sobrado do Barão de Alfié” o autor descreve:

Este é o Sobrado.
Existam outros, mas não se chamem
o Sobrado, preempitoriamente.

A escada de duas subidas já define
sua importância: lembra um trono.
É casa de barão, entre plebeus.

Sob a cimalha vejo a estatueta
de louça lusitana, vejo os vasos
de azul- vaidade, contra o azul do céu.

As sacadas, onde pairam minhas primas
acima das procissões, jovens olímpicas
entre vôo e terra.

Ó século glorioso 19,
reinante no Sobrado, onde a quadrilha
estronda as tábuas do soalho, mal sabendo
que outro tempo chegou para levar
na dança o que é sobrado e contradança.

(ANDRADE, 2017: 174).

Neste poema, Drummond apresenta a sua percepção sobre os detalhes arquitetônicos do imponente sobrado e ainda traz informações sobre a movimentação das suas primas na época das festividades religiosas.

O poema “Sobrado do Barão de Alfié” está no livro *Boitempo: Menino Antigo*, sobre o qual Candido (1989) tem a interpretação de que Drummond, ao relatar a sua experiência pessoal na cidade de Itabira, transpõe esta experiência para o mundo. Segundo Candido (1989), a narrativa do livro *Boitempo* é tanto particularizadora – a partir do momento que destaca o próprio Drummond e suas percepções – quanto generalizadora, pois apresenta a descrição de determinado local e as vivências de um grupo. Dessa forma, a “[...] autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade” (CANDIDO, 1989: 56).

Figura 3 - Casarão que pertenceu ao Barão de Alfê. Rua Tiradentes, número 13.



Foto: Luciana Santos Ferreira, 2019.

Apesar do foco deste artigo ser os sobrados que remetem à memória coletiva por sua dimensão material, apresenta-se o exemplo de uma destas placas que integram o Museu de Território Caminhos Drummondianos e que se refere a uma edificação que não existe mais no cenário urbano de Itabira. Trata-se da placa de número 05, que menciona o poema “Documentário”. Este poema descreve o Hotel dos Viajantes, antigo sobrado que existiu na esquina das ruas Guarda-Mor Custódio e Dr. Sizenando de Barros em Itabira. Este hotel, segundo Lacerda, Shitsuka e Shitsuka (2018), recebia viajantes que, com suas memórias, contribuíram para fazer parte da história de Itabira. O casarão foi demolido e deu lugar a um prédio.

A placa número 05 do Museu de Território pode se relacionar a Lowenthal (2006), com o conceito de referência a um passado invisível. Apesar do Hotel dos Viajantes não apresentar a sua materialidade atualmente, a placa com o poema, no local onde o hotel se situava, traz à tona elementos para fazer parte do imaginário social dos itabiranos e turistas, além de estimular a curiosidade sobre o fluxo de hóspedes que um dia ali existiu.

Considerações finais – por um museu integrado e aberto

A identificação do passado, conforme definido por Lowenthal (2006), se aplica ao estudo de caso do Museu de Território Caminhos Drummondianos. A compreensão das situações vividas através da exposição dos poemas estimula a criação de um cenário no imaginário social dos observadores, além da possibilidade de contribuir para a formação da identidade dos itabiranos. Não apenas estes poemas apresentados, mas os outros poemas que integram o Museu de Território Caminhos Drummondianos relatam histórias com pessoas e situações que se entrelaçam e criam uma base para a consolidação da memória

coletiva.

Neste contexto, nota-se a importância da preservação dos documentos – tanto os poemas, quanto os sobrados – para que o passado possa ser evocado. O estudo de caso deste artigo exemplifica a complexidade da relação entre passado, sua identificação e a memória coletiva que, mesmo fazendo referência a um local específico, pode fazer parte de uma experiência global, considerando o ponto de vista do observador. Neste contexto, a memória coletiva pode não abranger somente os itabiranos, mas também os turistas a partir do momento em que se identificam com os relatos dos poemas em questão. Mesmo não tendo vivido na cidade de Itabira, não é difícil supor que o visitante possa associar o contexto dos poemas às procissões acompanhadas nas cidades de origem ou se lembrar de alguma figura de importância no local de onde vieram, como no poema sobre Antônio Camilo de Oliveira.

A composição deste conjunto de reflexões indica que os museus e o turismo cultural podem agregar diversas formas de interpretação do passado por meio da fruição e, dessa maneira, incorporam-se à memória ao fornecer elementos materiais e imateriais, pois as situações vividas durante a visita penetram no imaginário dos indivíduos e grupos. O Museu de Território Caminhos Drummondianos perdura, assim, para ser testemunho de uma época vivida por determinada sociedade baseada na constituição simbólica do poeta e no imaginário social constituído sobre tal.

O desenvolvimento de um projeto museológico perpassa as práticas de educação do patrimônio, ferramentas tecnológicas, a ampliação da conservação do acervo, a pesquisa histórica e museológica em ações conjuntas com o público em caráter integral. Os desafios a serem superados concernem no envolvimento das comunidades locais e na preparação para fruição dos turistas em vias das relações críticas de aprendizagem. Os agentes culturais devem pensar na construção de uma política de hospitalidade museal a qual dimensione constantemente as práticas de acolhimento e hostilidade das relações sociais neste espaço (BRUSADIN, 2019).

A partir da interpretação do patrimônio, iniciativas de educação patrimonial se apresentam como métodos que reforçam a participação dos visitantes para criação de laços com a cultura local e o conseqüente anseio de preservá-los. Importante ainda destacar que apenas a preservação dos documentos de forma estática não cumpriria seu papel quando se trata de reafirmar a memória e constituir bases para o vínculo dos sujeitos com um dado passado. Os poemas e sobrados da “rua-teatro” – como Drummond se referiu à Rua Tiradentes (ANDRADE, 2017: 28) – estão expostos nos logradouros públicos e este fato facilita a disseminação deste conhecimento para a sociedade.

No caso deste estudo, conclui-se que a materialidade destas edificações se vincula à imaterialidade das poesias de Drummond em uma lógica fluída de conexão com o passado e sua fruição. Situa-se a importância dos documentos que, ao invés de ficarem guardados em gavetas ou estocados em galpões empoeirados, podem estar disponíveis e expostos de modo a democratizar as diversas formas de interpretação do passado, crítica ao presente e o conseqüente desejo de preservação para as gerações futuras. A perspectiva do documento enquanto monumento, associada ao museu como fenômeno situado de forma integral ao território, evidencia o caráter social das instituições culturais abertas ao público e vivenciadas pela comunidade local diante da memória que se pretende transmitir.

Poesia como documento:

os sobrados da Rua Tiradentes em Itabira (MG) e o Museu de Território Caminhos Drummondianos

Referências

ALVES, Heliana de Moraes; FIGUEIREDO, Lauro César. A prática da Educação Patrimonial: uma experiência no município de Restinga Sêca, RS. In: TOLENTINO, Átila Bezerra et. al. (Orgs.). *Educação Patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), 2014. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_de_educacao_patrimonial_nr_04.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: Esquecer para lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Boitempo: Menino antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985, v. 5, p. 296 -330.

BRUSADIN, Leandro Benedini. *História, turismo e patrimônio cultural: o poder simbólico do Museu da Inconfidência no imaginário social*. Curitiba: Prismas, 2015.

_____. Do poder simbólico do patrimônio cultural à carência de uma política de hospitalidade museal: um estudo do Museu da Inconfidência. *Revista Iberoamericana de Turismo*, Vol. 9, Número Especial, Mar. 2019, p. 6-20.

CAMINHOS Drummondianos. Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade. [s.d.]. Disponível em: <<https://fccda.com.br/novo/caminhos-drummondianos/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CHAGAS, Mário. Museu, literatura e emoção de lidar. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 19, n. 19, 2002.

FERREIRA, Diva. *Memórias: Itabira, Minas*. Belo Horizonte: O Lutador, 1999.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos de Minas Gerais: circuito de Santa Bárbara*. Belo Horizonte, 1981.

GUERRA, Santos de Souza. *Memória e identidade cultural: a diversidade das expressões culturais e folclóricas de Itabira*. Itabira: Funcesi, 2010.

GUERRA, Santos de Souza; MOTA, Myriam Becho. *A identidade do espaço rural itabirano: percursos novos em caminhos antigos*. Itabira: Funcesi, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

ITABIRA. [*Álbum de figurinhas Itabira + Turismo*]. Prefeitura Municipal de Itabira, 2019.

IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmet, 2002.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Tradução de Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LACERDA, Dadá Lage; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; SHITSUKA, Ricardo. *Caminhos Drummondianos*. Belo Horizonte: Poisson, 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *De ferro e flexíveis: marcas do Estado empresário e da privatização na subjetividade operária*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

REIS, Claudia Barbosa. *A literatura no museu*. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SCHEINER, Teresa Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr, 2012.

SOUZA, Maria do Rosário Guimarães de. *Da paciência à resistência: conflitos entre atores sociais, espaço urbano e espaço de mineração*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editores Ltda, 2007.

Recebido em 24 de julho de 2020
Aprovado em 14 de novembro de 2020